

O MITO NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA E SUA PRESENÇA NO PENSAMENTO DE FREUD

Este artigo é dedicado, com imensa gratidão, à teóloga e psicóloga Célia Gil Pereira, pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, de Salvador – BA

English Title: MYTH FROM THE PERSPECTIVE OF PHILOSOPHY AND ITS PRESENCE IN FREUD'S THOUGHT

[doi> 10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p41-55](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p41-55)

CARVALHO, Isaar Soares de¹

RESUMO: O presente trabalho trata de investigar nuances teóricas entre os conceitos de mito e suas aplicações ao aparato sociocultural contemporâneo. Por meio de uma revisão bibliográfica, propomos um contraponto do pensamento de Freud junto aos escritos de Russel, Hegel, Cassirer, Platão e outros, a fim de trazermos clareza ao tema, ao mesmo tempo em que enriquecendo o debate que aqui se instaura. Justifica nossa investigação, a necessidade de dar substância aos discursos que entrecruzam os elementos míticos e psíquicos aos formadores da sociedade. Como resultados preliminares de nossas leituras, vimos que, além de onipresente em nossa história social e cultural, o mito e seus ritos, por serem atemporais, interpenetram-se em todas as consciências e contribuem para o fortalecimento da compreensão dos fatos humanos na terra.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Cultura, Sociedade, Psiquismo, Filosofia

ABSTRACT: The present work deals with investigating theoretical nuances between the concepts of myth and its applications to the contemporary sociocultural apparatus. Through a bibliographic review, we propose a counterpoint of Freud's thought with the writings of Russell, Hegel, Cassirer, Plato and others, in order to bring clarity to the theme, while enriching the debate that is established here. Justifies our investigation, the need to give substance to the discourses that intertwine the mythical and psychic elements to the formators of society. As preliminary results of our readings, we saw that, in addition to being omnipresent in our social and Philosophy cultural history, the myth and its rites, because they are timeless, interpenetrate all consciences and contribute to the strengthening of the understanding of human facts on earth.

KEYWORDS: Myth, Culture, Society, Psychism, Philosophy

¹ Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Pós-Doutor em Letras pela USP. Docente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UEMG, Unidade Frutal.

INTRODUÇÃO

Nosso propósito no presente trabalho é discorrer sobre o conceito de mito, o qual pode ser entendido como forma de interpretação da realidade, mas, também, como elemento formador da mentalidade dos mais diferentes povos.

Então, neste sentido, o mito é postulado que colabora para a construção de um determinado sentido da vida em geral e, ao mesmo tempo, exerce uma forma de alienação dessa mesma realidade a qual se propõe a exprimir.

Num segundo momento, abordaremos a leitura que Ernst Cassirer fez da obra *Totem e Tabu*, de Sigmund Freud, a qual aborda o mito em uma perspectiva não só sociológica, mas, também, psicanalítica, associando o próprio sacrifício de Cristo à culpa dos irmãos que mataram o pai primevo.

Devido à nossa labuta especialmente nas áreas de Filosofia, Ética e Filosofia Política, não pudemos fazer uma abordagem específica sobre o pensamento de Jacques Lacan, com o qual mantivemos contato durante um Curso.

Esperamos, porém, que a presente abordagem do fenômeno do mito, a qual se baseia principalmente na Filosofia Antiga, em Francis Bacon e em Cassirer, possa contribuir suficientemente para o estabelecimento de um diálogo com o pensamento de Freud.

1 – A IMPORTÂNCIA E OS LIMITES DO MITO

O mito é interpretado por Ernst Cassirer, como uma das formas simbólicas ou da cultura. Mesmo que, diante da Filosofia, o mito possa ser visto como uma interpretação da realidade carente de rigor e de demonstração, é possível que ele alcance, porém, a verossimilhança.

A verdade, porém, pertenceria “aos produtos genuínos do intelecto”². Platão afirma, também, que em determinados campos do conhecimento, a verossimilhança “é a única validade a que o discurso humano pode aspirar e, em outros, expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar”³.

Outro aspecto relevante do mito, de acordo com Platão, consiste no fato de que, como uma forma do discurso, ele pode tornar-se um recurso para a persuasão, pois trata de temas que se situam “além do círculo estrito do pensamento racional, na qual só é lícito aventurar-se com suposições verossímeis”⁴.

Por outro lado, apesar de valorizar o mito como recurso pedagógico e persuasivo, Sócrates aprecia, acima de tudo, o conhecimento do Homem em geral, e de si mesmo em particular, chegando a considerar o mito como um discurso incerto e sem fundamentos seguros. É o que se mostra com evidência no seguinte trecho, do “Diálogo Fedro”, no qual o discípulo que dá nome ao texto pergunta ao mestre:

Diz-me, Sócrates, não é verdade que foi aqui, nas margens do Ilisso, que Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares? De facto, a lenda corre também com esta versão, que foi ali e não aqui, que ela foi raptada⁵.

Ao que Sócrates responde: “Por mim, caro Fedro, qualquer uma dessas explicações tem a sua validade, mas, para isso, torna-se necessário muito génio, muito trabalho e aplicação, e não encontramos nisso a felicidade”⁶. E acrescenta ainda o mestre de Atenas:

² ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, verbete “Mito”, in: (marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf), acesso: 05/08/21.

³ ABBAGNANO, Nicola, idem.

⁴ ABBAGNANO, Nicola, idem.

⁵ PLATÃO, *Fedro ou da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000, p. 14.

⁶ PLATÃO, idem, p. 14-15.

Se, por incredulidade, se conceder a cada uma dessas figuras a medida da verossimilhança, fazendo uso, para tanto, de não sei que grosseira sabedoria, nem sequer teremos um momento de ócio. Ora, eu não dedico meu ócio a explicações desse gênero, e fica sabendo por que motivo: ainda não consegui, até agora, conhecer-me a mim mesmo; por isso, vejo quanto seria ridículo, eu, que não tenho o conhecimento de mim mesmo, me dedicasse a estudar coisas que me são estranhas. Em vista disso, dou a esses mitos a importância que merecem e, quanto ao seu tema, limito-me a seguir a tradição. Digo-o a todo o momento: não são as lendas que investigo, é a mim mesmo⁷.

Sócrates, que fora acusado por seus opositores de corromper a juventude e de não venerar os deuses da cidade, ao afirmar que seguia a tradição, e que em relação a essas narrativas, como ele se limitava a seguir a tradição, para ele os mitos eram indignos de crédito. Esse ceticismo de Sócrates em relação aos mitos e à própria piedade está presente também no intitulado “Diálogo Eutífron”, no qual a justiça e a piedade são discutidas por Sócrates com o jovem discípulo.

Mostra-se nesse breve, porém profundo e inquietante colóquio, que o senso de justiça de Eutífron era tão alto que ele se dirigiu às autoridades de Atenas para denunciar seu próprio pai, o qual, para castigar um escravo, o lançou dentro de um poço, o que provocou a sua morte. Mesmo que seu pai alegasse que não quisera matar o escravo, ele provocou a sua morte. Assim, um filho soube distinguir entre o sentimento filial e o respeito aos direitos estabelecidos, sendo imparcial e denunciando o próprio pai.

No mesmo texto, Platão inclui uma discussão a respeito do que seria a piedade. Para Eutífron, a piedade consiste em venerar os deuses, ao que Sócrates lhe pergunta se, pelo fato de haverem muitos deuses, alguém, ao venerar a um deles, não deixaria de venerar a outros, incorrendo, assim, na impiedade.

⁷ PLATÃO, idem, p. 16-17.

Diante de tal dilema, o jovem afirma sinceramente não saber o que responder. Sócrates avança na discussão e pergunta ao jovem, então, em que consiste a piedade, ao que ele também responde que não sabe.

Esse limite em relação ao conhecimento é comum a todos os seres humanos, pois pouco sabemos a respeito de muita coisa, de tal modo que a afirmação “só sei que nada sei”, atribuída a Sócrates, tem o seu lugar, ainda que seja uma hipérbole, pois no fim das contas, o que ignoramos é infinitamente superior ao que sabemos.

No entanto, apesar de discorrermos sobre as mais diversas realidades, o nosso conhecimento rigoroso limita-se a uma pequena parte da realidade, principalmente devido à multiplicação do conhecimento.

2 – OS ÍDOLOS E A FINITUDE DA FILOSOFIA

Os limites do conhecimento e a presença do mito na interpretação da realidade foram descritos de forma singular por Francis Bacon. No *Novum Organum*, Bacon expôs uma teoria do conhecimento que demonstrava os erros presentes, não só em relação ao saber de sua época, mas também em relação a todos os seres humanos. As concepções imprecisas que impedem o conhecimento da verdade e o progresso da ciência foram, por ele, chamadas de ídolos, os quais expomos a seguir.

Os primeiros, chamados de “ídolos da tribo”, dizem respeito aos erros causados pela natureza humana, por uma espécie de antropocentrismo que sujeita todas as coisas às medidas dos seres humanos⁸.

Os segundos, chamados de “ídolos da caverna”, dizem respeito aos erros causados pela centralização do indivíduo em si mesmo, isto é,

⁸Jean-Pierre CHRETIEN-GONI, in: D. Huisman (ed.), *Dictionnaire des Philosophes*, 1984, p. 198.

numa visão de mundo subjetivista, a qual se constitui, também, numa forma de dogmatismo.

Pelos terceiros, os chamados “ídolos do mercado”, Bacon se referia às falsas impressões causadas pelas palavras, especialmente devido às más definições e aos equívocos, o que resulta em discursos carentes de rigor e de clareza ⁹.

Em quarto lugar, Bacon se refere aos chamados “ídolos do teatro”, que dizem respeito aos sistemas filosóficos que não passam de meras representações, mas que, porém, adquirem renome devido ao fascínio que provocam no público, assemelhando-se às personagens construídas de acordo com os interesses dos escritores, as quais, no entanto, parecem ser reais e exercem influência sobre o público.

Em quinto lugar, há também os chamados “ídolos das escolas”, os quais consistem em buscar a validação de determinados argumentos ou conceitos, fazendo-se referência a uma grande autoridade da Filosofia, ou mesmo da Teologia, o que era comum na Idade Média, de forma especial na *Suma Teológica*, obra na qual Santo Tomás refere-se a Aristóteles, chamando-o de “o filósofo”, procurando, com isso, alcançar a adesão do público aos seus argumentos.

De forma sintética e didática, assim resume Bertrand Russell o conjunto de ídolos denunciados por Francis Bacon:

Uma das partes mais famosas da filosofia de Bacon, é a sua enumeração do que ele chama ídolos, querendo significar os maus hábitos de espírito que fazem com que as pessoas caiam em erro. Destes, enumera cinco classes. Ídolos da tribo, são os inerentes à natureza humana; refere-se, em particular, ao hábito de esperar mais ordem nos fenômenos naturais do que a que realmente pode ser encontrada. Ídolos da caverna, são os prejuízos pessoais, característicos do investigador particular. Ídolos do mercado, são os que se relacionam com a tirania das palavras e com a dificuldade de escapar-se de sua influência sobre nosso espírito. Ídolos do teatro, são os que dizem respeito aos sistemas de pensamento recebidos; destes, naturalmente, os exemplos mais dignos de nota, são os proporcionados

⁹ De acordo com Cassirer, são estes os que possibilitam os mitos políticos.

por Aristóteles e os escolásticos. Por último, há os ídolos das escolas, que consistem em pensar-se que alguma regra cega (tal como o silogismo) pode ocupar o lugar do juízo pessoal na investigação ¹⁰.

Muitos foram os que, pelo desejo de criar sistemas filosóficos, impediram a chegada da verdadeira Ciência. Assim, o entendimento humano pode ser comparado a um espelho que desfigura a realidade, o que se constitui em uma metáfora, para afirmar que vários aparentes sistemas filosóficos não passavam de mitos.

É digno de nota que, em relação ao caráter efêmero das próprias escolas filosóficas, Hegel afirmou:

Toda filosofia nova sustenta que todas as outras de nada valem; toda filosofia se ergue com a pretensão não somente de refutar as filosofias precedentes, mas de corrigir além disso os defeitos e de suprir as imperfeições delas e de ter encontrado finalmente a verdade. Mas, à base da precedente experiência, acontece que se podem aplicar também a tal filosofia as palavras da Escritura que o apóstolo Pedro dirige à mulher de Ananias: Os pés dos que sepultaram o teu marido, estilo ali à porta, para te levarem a enterrar. A filosofia destinada a refutar e substituir a tua mão não se fará esperar por muito tempo, como não se fez esperar para as outras ¹¹.

Por outro lado, apesar do dogmatismo expresso pela Igreja ao longo dos séculos, é digno de nota que Santo Tomás tenha apresentado um argumento impressionante sobre o que seria a idolatria, afirmando que não podemos conhecer a essência de Deus, mas falamos dele apenas por analogia. São estas, pois, as suas palavras:

Não podemos, nesta vida, conhecer a essência de Deus, tal como ela é em si mesma; mas a conhecemos enquanto representada nas

¹⁰ Bertrand RUSSEL. *História da Filosofia Ocidental. Livro III: A Filosofia Moderna*. (<https://www.docdroid.net/grgOcbh/russell-bertrand-historia-da-filosofia-ocidental-bertrand-russell-pdf>), acesso em 08-08-2021.

¹¹ G. W. F. HEGEL, *Introdução à História da Filosofia*, p. 339. S. Paulo: Abril, 1974 (<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/introduc3a7c3a30-a-historia-da-filosofia.pdf>). O texto bíblico citado por Hegel encontra-se em Atos dos Apóstolos, capítulo 5:9.

perfeições das criaturas, e assim é que os nomes que impomos significam ¹².

E acrescenta:

Nem o católico nem o pagão conhecem a natureza de Deus como ela é em si mesma. Quando o gentio usa o nome de Deus dizendo um ídolo é Deus, pode tomá-lo na mesma significação em que o toma o católico quando diz um ídolo não é Deus ¹³.

Antecipando, assim, teses que hoje são bem conhecidas na área da Filosofia da Cultura, construindo um argumento que atualmente pode ser relevante em relação à questão da tolerância.

3 – O MITO E A VIDA EMOCIONAL NO PENSAMENTO DE FREUD

De acordo com Ernst Cassirer, para Freud, “a única pista para o mundo mítico devia ser procurada na vida emocional do homem”. O conceito de inconsciente evidenciou que o mecanismo das emoções não deve ser reduzido aos fenômenos conscientes, de tal modo, que a vida psíquica não se reduz ao consciente, o qual “é apenas um pequeno e esquivo fragmento da vida psíquica; não pode revelar, antes, mascara e dissimula a sua essência” ¹⁴.

Em relação ao sistema totêmico, essa teoria das emoções é básica para a afirmação de Freud, de que sua “única origem foi o terror sentido pelo selvagem em relação ao incesto” ¹⁵. Cassirer observa que Freud ignorara observações de antropólogos, inclusive de Frazer, que demonstraram que “o totemismo e a exogamia são instituições realmente distantes e independentes, embora se conjuguem amiúde” ¹⁶. Frazer cita

¹² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, Q. 13, Art. II, Resposta à Terceira Objeção. Trad. de Alexandre Correia. S. Paulo: Abril, 1973, p. 112. (Os Pensadores).

¹³ Idem, Art. X, Resposta à Quinta Objeção, p. 125.

¹⁴ Ernst CASSIRER, *O Mito do Estado*, p. 47.

¹⁵ Idem, *ibid*, p. 49.

¹⁶ Idem, *ibid*.

como exemplo, o costume dos Arunta, entre os quais a vida era “determinada pelo sistema totêmico, mas este não tinha qualquer efeito sobre o casamento”¹⁷.

Até Frazer, a origem da exogamia e da lei do incesto permaneciam incertas. Freud deixara isso de lado e se ativera ao fato da coincidência entre os mandamentos de não matar o animal totêmico e não manter relações sexuais com mulheres do mesmo totem e com os dois crimes de Édipo e os dois desejos primários da criança¹⁸.

De acordo com Freud, os dois tabus remontam a uma horda primeva, a qual era dominada por um pai, que reservava para si mesmo a posse de todas as mulheres, tanto das que já eram mães quanto das mais jovens.

Conforme iam crescendo, os filhos eram expulsos da horda pelo pai. Tal tipo de associação, que para Freud teria sido a primeira, foi abolido quando os irmãos que foram expulsos da horda uniram-se contra o pai e o mataram, comendo depois a sua carne.

A exogamia teria sido uma consequência dessa união entre os irmãos, os quais, por um lado, se uniram, com a finalidade de matar o pai e, por outro lado, ao desposar as mulheres, eles se separaram, o que, mostra de acordo com Freud, que “a necessidade sexual, longe de unir os homens, separa-os. Se os irmãos se uniram para eliminar o pai, converteu-se cada um em rival do outro, em se tratando das mulheres”, e devido à necessidade de uma nova organização da vida em grupo, em substituição à organização anterior, da horda primeva, foi instituída a proibição do incesto¹⁹.

Para Freud, o animal totêmico era visto, pelos primitivos, como um substituto do pai, e o que os levou a estabelecer a proibição de matar a

¹⁷ Idem, *ibid.*

¹⁸ Os dois crimes de Édipo teriam sido o assassinato de seu próprio pai e seu casamento com a própria mãe.

¹⁹ Sigmund FREUD, *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Delta, s/d, p. 218.

esse animal, foi o arrependimento por terem matado ao próprio pai. Mostrava-se nisso o sentimento de afeto pelo pai – o qual existia ao mesmo tempo em que o medo dele e a vontade de matá-lo – e que se manifestara após o seu assassinato.

Em relação a essa dualidade, Freud afirma que as refeições totêmicas poderiam ser uma rememoração do pai e de sua morte e que, com elas, tiveram início “as organizações sociais, as restrições morais e a religião”²⁰.

A analogia com a psicologia do neurótico é proposta por Freud da seguinte forma: ao desejo dos irmãos de matar o grande pai corresponde o desejo recalçado do complexo de Édipo de matar o pai; ao arrependimento posterior, manifesto na proibição de matar o animal totêmico, correspondem os sentimentos carinhosos e de admiração diante do poderio do pai.

Tais sentimentos apareceriam como uma compensação pela morte do pai e corresponderiam, em última análise, ao que se conhece na Psicanálise como obediência retrospectiva²¹.

Ao mesmo tempo, a proibição do incesto, que é vista como renúncia aos frutos do ato de ter matado o pai, também está inserida nessa forma de obediência. A presença do pai torna-se, então, mais intensa do que na época em que ele se encontrava vivo.

O que Freud considera como os dois tabus fundamentais do totemismo, foram criados a partir da consciência da culpa do filho e, “por isso mesmo, tinham de coincidir com os dois desejos recalçados do complexo de Édipo”²².

Enquanto o tabu da proibição do incesto teria importantes consequências para a organização social, o tabu da proibição do

²⁰ Idem, p. 216.

²¹ Idem, p. 217.

²² S. FREUD, idem, p. 218.

sacrifício do animal totêmico pode ser considerado como uma aspiração do totemismo a ser a primeira tentativa de religião, a qual se caracterizaria pela demonstração de arrependimento e por um contrato com o grande pai, o qual “prometia tudo quanto a imaginação infantil pode esperar de um pai, enquanto os fiéis se obrigavam a respeitar-lhe a vida, isto é, a não repetir o ato pelo qual sucumbira o verdadeiro pai”²³.

Numa espécie de progresso moral, os irmãos passam a evitar entre si, o mesmo fim que deram ao pai e, “à proibição religiosa de matar o totem, acrescenta-se a proibição de matar o irmão”²⁴.

Por outro lado, Freud afirma que há uma “conexão e uma origem simultânea no totemismo e na exogamia”²⁵. Para Freud, a sociedade, a moral e a religião têm no totemismo uma origem comum.

Afirma ainda Freud que é possível que a religião totêmica seja análoga, em relação à sua motivação, a quem sabe todas as neuroses. Tal motivação residiria, segundo Freud, nos “dois desejos primários da criança, cuja repressão insuficiente ou cuja reativação constitui o núcleo de talvez todas as neuroses”²⁶.

A hipótese de Freud procurava alcançar não só a religião totêmica, mas também outras religiões, pois ele afirma que “os primeiros desejos da criança aparecem, muitas vezes, sob os mais curiosos disfarces e inversões, na formação de quase todas as religiões”²⁷.

De acordo com Cassirer, Freud incorre no mesmo erro de teóricos naturalistas do Mito, que procuravam reduzi-lo a um único motivo. Apesar de serem obsoletas em relação a modernos métodos psicanalíticos, as interpretações naturalistas apresentam uma mesma tendência, a de ter uma visão reducionista do Mito.

²³ Idem, p. 218s.

²⁴ Idem, p. 220.

²⁵ Idem, p. 221.

²⁶ E. CASSIRER, *O Mito do Estado*, p. 49.

²⁷ E. CASSIRER, *idem*, p. 50.

Enquanto entre os naturalistas reduzia-se a imaginação mítica ao sol, à lua, às estrelas, ao vento e às nuvens, Freud reduziu-a à vida sexual do homem, afirmando:

Desde as idades pré-históricas até aos nossos dias o homem foi sempre dominado por dois desejos fundamentais. O desejo de matar o próprio pai e de copular com a própria mãe aparece no alvorecer da raça humana, sob os mais estranhos disfarces, na vida individual de cada criança ²⁸.

Para Cassirer, porém, além dessa interpretação ser reducionista, o que importa não é tanto conhecer a “mera substância do mito, mas, antes, a sua função na vida cultural e social do homem” ²⁹.

Nesse sentido, Émile Durkheim afirma:

O verdadeiro modelo do mito não é a natureza, mas a sociedade. Todos os seus motivos fundamentais são projeções da vida social do homem, mediante as quais a natureza se torna a imagem do mundo social; reflete-lhe todos os traços fundamentais, a organização e a arquitetura, as divisões e as subdivisões ³⁰.

Cassirer afirma, da mesma forma, que “o caráter fundamentalmente social do mito é incontroverso” ³¹. E, de acordo com Marcelino C. Peñuelas:

Talvez não tenha havido nenhuma transformação de importância, em qualquer cultura, sem uma mitologia prévia, sem mitos que tenham atuado como fatores motivantes e ativos e, ao mesmo tempo, como expressão viva de tal transformação ³².

Assim, as diferentes mitologias são, ao mesmo tempo, a expressão e o agente da cultura, fato que, de certa maneira, se aplica à ação do mito, conforme afirma também o mesmo autor.

²⁸ Idem, p. 52.

²⁹ Idem, p. 51.

³⁰ *Apud* CASSIRER, *Antropologia Filosófica; um ensaio sobre o homem*, p. 131-132.

³¹ Idem, p. 132.

³² Marcelino C. PEÑUELAS, *Mito, Literatura y Realidad*, p.170 e 180.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos têm o poder de influenciar e de formar a consciência dos indivíduos e do grupo, tanto para a conservação quanto para a mudança da realidade social. Do ponto de vista de sua função, apresentando-se como uma narrativa que explica e justifica a realidade presente e a visão de mundo de um povo ou de um clã, remete o tempo presente ao passado, ou o projeta em direção ao futuro, procurando, assim, dar-lhe um sentido e uma significação de sua existência.

Tais são, portanto, suas funções: primeiro, uma função significativa, depois, como decorrência desta, uma função orientadora. Verifica-se, portanto, que o Mito pode ser associado, do ponto de vista de suas funções na sociedade, à ideologia.

Isso pode ser comparado às funções da ideologia, assim como definidas por Paul Ricoeur, visto que toda sociedade elabora uma representação de si mesma, conferindo-se um sentido, e nisso consiste a primeira função da ideologia, de acordo com Ricoeur, a chamada função de geral ou de integração. A segunda diz respeito à dominação, enquanto a terceira diz respeito ao sentido propriamente marxista do termo ideologia, isto é, ao seu caráter de dissimulação e de deformação da realidade.

Diante disso, e à guisa de conclusão, do ponto de vista do indivíduo e de sua identidade seria relevante uma abordagem psicanalítica dos conceitos de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica, de Durkheim.

A primeira forma de solidariedade, afirma Durkheim, “liga diretamente o indivíduo à sociedade, sem nenhum intermediário”. A segunda forma, porém, “depende da sociedade, porque depende das partes que a compõem [...] é o tipo coletivo”.

Nesse tipo de sociedade a solidariedade é exercida através de “um sistema de funções diferentes e especiais que unem relações definidas”³³. Porém, tanto nas sociedades mais simples quanto nas mais complexas, pode ocorrer uma anulação do indivíduo, pois “a consciência coletiva, embora sendo exterior às pessoas, está, ao mesmo tempo, em cada uma delas” e “a coerção é substituída pelo hábito e pela consciência moral desenvolvida em cada pessoa”³⁴.

Dessa forma, conclui Durkheim, “estas duas sociedades não passam de uma só. São duas faces de uma única realidade”³⁵.

Onde estaria, portanto, o sujeito?

Certamente tal pergunta é de extrema importância para a Psicanálise. E a propósito da lógica do significante, como afirmou Carlos Drummond de Andrade: “Entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavras somos, finalmente, mas com que significado, que não sabemos ao certo”³⁶?

³³ Émile Durkheim, *Da Divisão do Trabalho Social*, 1978, p. 82.

³⁴ Idem, *As Regras do Método Sociológico*, 1960, p. 38.

³⁵ Idem, *Da Divisão do Trabalho Social*, 1978, p. 82.

³⁶ Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio: Nova Aguilar, 1988. Disponível em: <http://leitorescesa.blogspot.com/2012/03/entre-palavras.html> (acesso: 07/08/2021).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. S. Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em 01/03/2022.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio: Nova Aguilar, 1988. Disponível em: <http://leitorescesa.blogspot.com/2012/03/entre-palavras.html>. Acesso em 07/08/2021.
- AQUINO, SANTO TOMÁS DE. *Suma Teológica*. Trad. de Alexandre Correia. São Paulo: abril, 1973.
- CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica; um ensaio sobre o homem*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. Rio: Zahar, 1973.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*, 1960.
- DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*, 1978.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio: Delta, s/d.
- HEGEL, G. W. F. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: abril, 1974. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/introduc3a7c3a30-a-historia-da-filosofia.pdf>. Acesso em 01/03/2022.
- HUISMAN (Ed.). Denis. *Dictionnaire des Philosophes*. Paris, P.U.F., 1984.
- PEÑUELAS, Marcelino C. *Mito, Literatura y Realidad*. Madrid: Gredos, 1965.
- PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Lisboa: Guimarães, 2000 (<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/fedro.pdf>).
- RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental. Livro III: A Filosofia Moderna*. (<https://www.docdroid.net/grgOcBh/russell-bertrand-historia-da-filosofia-ocidental-bertrand-russell-pdf>), acesso em 08/08/2021.

Salvador, 02 de março de 2022.